

1990				
				1

KGR00934

IRAÍ

O ritual indígena da morte

Caingangues retomam tradição esquecida há 67 anos em sepultamento de índia

MARIELISE FERREIRA

Iraí

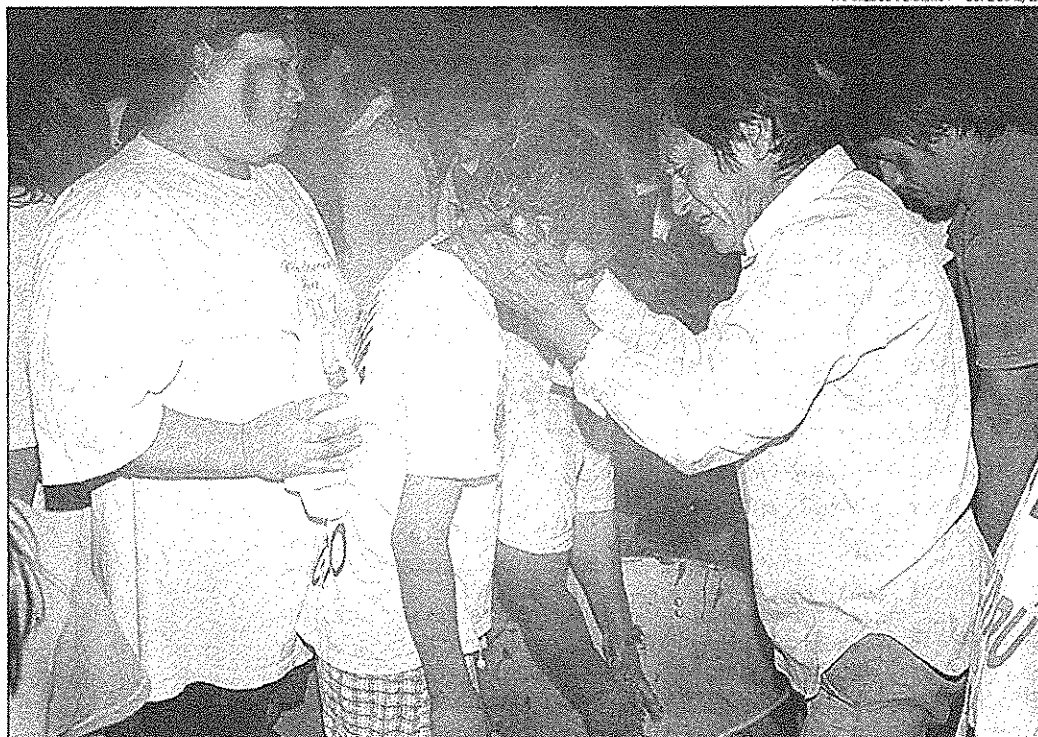
A morte de uma das mais velhas índias do Estado fez renascer uma tradição esquecida pelas tribos caingangues há mais de 67 anos.

O ritual de enterro de Florinda da Silva, a Ricrê, reuniu mais de 500 caingangues das reservas de Iraí e Nonoai na sexta-feira, para inaugurar o cemitério da nova área, demarcada em 1993.

Com a colonização de Iraí, há 67 anos, o povo caingangue foi sendo deslocado para a periferia, e sobre o cemitério indígena foi construído um balneário. Desde então, a tradição foi esquecida, e os índios passaram a ser enterrados nos cemitérios dos brancos. Com a morte da líder mais idosa da reserva, os caingangues retomaram o antigo ritual. Enquanto o corpo era velado numa igreja evangélica, freqüentada pela índia, uma cuiã (pajé) preparava a tinta preta – à base de carvão e ervas – para fazer as pinturas nos rostos dos caingangues, símbolo do luto.

O cacique Jandir Jacinto fez as orações retiradas de uma Bíblia, em uma mostra de que o índio não ficou imune à mistura de crenças. Intercalando português e a língua caingangue, o cacique falou ao seu povo que havia hora para rir e para chorar, hora de nascer e hora de morrer. Um dos cuiã também discursou, dizendo que os índios precisam preservar sua cultura.

Enquanto o choro dos parentes tomava a pequena igreja, os cuiã usavam a tinta para pintar no rosto as marcas dos dois troncos de família existentes entre os caingangue –



Reverência: caingangues usaram tinta no rosto para fazer homenagem a índia morta

um círculo para os Kaeru, que simboliza a lua, e listras para os Kamé, simbolizando o sol. As marcas servem para o controle do casamento, a fim de que não ocorra união entre parentes diretos.

– Uma kamã nunca casa com um kamã, só com kaeru – explica Augusto da Silva, sobrinho da anciã.

Florinda foi enterrada no lado onde o sol se põe

Já era quase noite quando os índios chegaram ao cemitério, numa caminhada de

dois quilômetros desde a igreja. O caixão foi colocado em frente à cruz de cedro que separa as duas alas do cemitério. Os kamã são enterrados do lado esquerdo – onde nasce o sol – e os kaeru, como Florinda, do lado direito, onde o sol se põe.

Antes que o caixão fosse colocado no túmulo construído com tijolos sobre a terra, os pajés queimaram ervas conhecidas como klegfêi-côsir. Depois, lavaram a cabeça de todos os que estavam no sepultamento para evitar que a alma do morto fique entre seus parentes.

MARIELISE FERREIRA - ESPECIAL/ZH

			936	J

COMO É

- 1 — O pajé faz uma tinta preta à base de carvão
- 2 — Com a tinta, todos os índios são pintados, recebendo a marca do tronco a que pertencem na família: círculos para os Kaeru e listras para os Kamé
- 3 — O corpo é levado ao cemitério em caminhada. Se o morto é Kaeru, os Kamé carregam o caixão
- 4 — A cruz mestra é feita em cedro para que rebrote. Depois é colocada de forma a separar as duas alas do cemitério destinadas a Kamés e Kaerus
- 5 — É feito um fogo de chão onde são queimadas ervas para proteger a família do morto
- 6 — As ervas são mergulhadas na água e usadas na lavagem da cabeça dos participantes do enterro para impedir que a alma fique junto aos parentes
- 7 — Finalmente o corpo é enterrado. A esteira em que o corpo seria enrolado é substituída por um caixão de madeira
- 8 — Quando forem feitas visitas ao cemitério depois do enterro, os Kaeru levam flores para os Kamé e vice-versa

Símbolo de luto: enquanto o corpo é velado, uma cuiã (pajé) prepara a tinta preta, à base de carvão e ervas, para fazer a pintura especial no rosto dos caingangues que participarão de sepultamento



Uma vida de mais de cem anos

Os documentos de Florinda indicam a sua idade: 104 anos. Mas os mais antigos da aldeia, entre eles alguns dos filhos, afirmam que a anciã poderia ter chegado aos 140 anos.

— Ela disse que tinha cinco taquaras — conta o tataraneto de 43 anos, Valdemar Vicente.

Entre os caingangues, o ciclo de vida das taquaras, de 30 anos, é usado para contar a idade. E a idade atribuída a Florinda parece ser aceitável para uma mulher cuja neta já é avó e assistiu na juventude à Revolução Farroupilha. Conforme Vicente, Florinda contava histórias da guerra em que as índias precisavam ficar escondidas para não ser estupradas por brancos.

Nesta centena de anos, Florinda adquiriu experiência e respeito na aldeia. Ela se tornou uma líder e fez descendentes que somam hoje mais de 12 famílias da reserva de Iraí. Devido a sua idade, Florinda foi a principal testemunha utilizada no processo de demarcação da área de 279 hectares em que vivem hoje 477 índios caingangues. E foi em sua honra que a aldeia chorou, reviveu o ritual da morte e plantou no novo cemitério uma cruz de cedro, que deverá rebrotar, mostrando que Ricrê ainda vive entre os seus.